

GEOPOLÍTICA DA CHINA

A estratégia geopolítica da China pós-2026: a construção de uma “fortaleza sistêmica” em segurança alimentar, energética, econômica e domínio das terras raras, visando autossuficiência e resiliência; uma análise crucial sobre o futuro global e o papel do Brasil.

Carlos A. Klomfahs*



A “Ilha Sistêmica” chinesa (Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial).

Aproveitando a viagem do comandante Robinson Farinazzo em janeiro de 2026 à China, este artigo resume a estratégia geopolítica de Pequim para o período pós-2026, focando na construção de uma “fortaleza sistêmica” baseada em alguns pilares fundamentais: Segurança Alimentar, Segurança Energética, Segurança Econômico-Financeira e Domínio das Terras Raras. O estudo utiliza um *design* de pesquisa prospectivo para demonstrar como a China busca mitigar vulnerabilidades externas através da desdolarização, do acúmulo de metais preciosos (ouro e prata) e da reconfiguração das cadeias de suprimentos agrícolas e minerais.

Fundamentado em literatura acadêmica americana recente, o artigo discute a transição da China para uma economia de guerra resiliente e autárquica na década de 2030. Por fim, trazemos uma reflexão de como o Brasil é um joguete nas mãos dos países nucleares, situação que talvez somente superaremos após eventuais derrotas iniciais em um guerra contra nossa soberania.

INTRODUÇÃO

A compreensão da China contemporânea exige uma análise integrada de sua trajetória histórica milenar, sua complexa configuração geográfica e seu sistema político singular. Com o objetivo de orientar os estudos sobre a geopolítica da China, esta síntese oferece uma visão panorâmica desses três pilares fundamentais aos leitores do Velho General e pesquisadores de pós graduação.

TRAJETÓRIA HISTÓRICA: DA CIVILIZAÇÃO IMPERIAL À REPÚBLICA POPULAR

A história da China é impossível de ser resumida em artigos ou livros, e é marcada por uma continuidade civilizatória de mais de cinco milênios, estruturada em torno de sucessivas dinastias que consolidaram a identidade Han e a burocracia confucionista. O período imperial (221 a.C.-1912 d.C.) estabeleceu as bases da unidade territorial e cultural, mas entrou em colapso no século XIX devido à pressão das potências coloniais (o “Século da Humilhação”).

A fundação da República Popular da China (RPC) em 1949, sob a liderança de Mao Zedong, marcou uma ruptura radical, seguida pela era de Reforma e Abertura iniciada por Deng Xiaoping em 1978, que transformou a China, de uma economia agrária, na “fábrica do mundo”, e hoje em uma superpotência tecnológica.

CONFIGURAÇÃO GEOGRÁFICA: O DETERMINISMO E A ADAPTAÇÃO

Geograficamente, a China é um país de dimensões continentais, caracterizado por uma dicotomia fundamental entre o Leste úmido e fértil (onde se concentra a maioria da população e da atividade econômica) e o Oeste árido e montanhoso (Tibete e Xinjiang). O relevo é dominado por grandes bacias hidrográficas, como as dos rios Amarelo e Yangtzé, que foram o berço da civilização e, simultaneamente, seus maiores desafios de engenharia hidráulica. A geografia chinesa impõe desafios de segurança nas fronteiras terrestres (com 14 países) e uma necessidade vital de acesso seguro às rotas marítimas, o que fundamenta sua atual estratégia de projeção de poder naval e a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, *Belt and Road Initiative*).

SISTEMA POLÍTICO: O SOCIALISMO COM CARACTERÍSTICAS CHINESAS

O sistema político da China é definido como uma república popular socialista unipartidária, sob a liderança incontestável do Partido Comunista da China (PCC). Diferentemente das democracias liberais, o modelo chinês baseia-se no centralismo democrático e na consulta política multipartidária sob supervisão do PCC.

A governança contemporânea, sob Xi Jinping, enfatiza o “Grande Rejuvenescimento da Nação Chinesa”, integrando o controle político centralizado com uma economia de mercado altamente regulada e estratégica. O sistema prioriza a estabilidade social e o desenvolvimento econômico como fontes primordiais de legitimidade política, utilizando a tecnologia e a meritocracia burocrática para gerir uma das sociedades mais complexas do mundo.

A ESTRATÉGIA DA RESILIÊNCIA TOTAL



Para além de 2026, a geopolítica chinesa deixa de ser apenas uma busca por crescimento para se tornar uma estratégia de sobrevivência e soberania absoluta, haja vista as ações do ocidente sobre os controles das cadeias de abastecimento de petróleo sobre a Venezuela e A República Islâmica do Irã. O PC chinês identificou que a dependência de sistemas controlados pelo Ocidente é sua maior vulnerabilidade. Assim, deduz-se que a “Grande Estratégia” pós-2026 é orientada pela criação de circuitos fechados de produção e finanças, transformando a geografia e a economia em ferramentas de defesa nacional.

METODOLOGIA (DESIGN DE PESQUISA)

O artigo adota um *design* de Pesquisa Qualitativa de Cenários, integrando dados econômicos e geopolíticos para projetar a postura da China após 2026. A análise baseia-se na triangulação de:

- **Dados de Reservas e Comércio e Plano Quinquenal:** Análise do acúmulo de ouro/prata e fluxos de Yuan.
- **Revisão de Literatura Científica:** Foco em dois artigos americanos de alto impacto: **a)** Bilotta, Nicola (2024), sobre a geoeconomia do dinheiro e a realocação de reservas chinesas [1] e **b)** Rahman, T. U. (2025) sobre os desafios da segurança alimentar e estratégias de adaptação na China [2].

SEGURANÇA ALIMENTAR E A GEOPOLÍTICA DOS INSUMOS

A priori, a base da avaliação prospectiva se respalda no 15º Plano Quinquenal da China (2026-2030), que foca em uma “modernização chinesa” de alta qualidade, impulsionada por inovação tecnológica (IA, semicondutores), descarbonização (transição energética, sustentabilidade), segurança de cadeias produtivas e integração global via BRI, visando autossuficiência e liderança em setores estratégicos, equilibrando crescimento e bem-estar social, em especial frente ao envelhecimento populacional e desafios externos, como cerco tecnológico dos EUA.

PRINCIPAIS PILARES E OBJETIVOS

Tecnologia e Inovação: Acelerar P&D, investir em IA, chips e setores emergentes para autossuficiência e liderança tecnológica global.

Sustentabilidade: Foco em descarbonização, energias renováveis e economia verde, com metas ambiciosas para o pico de carbono.

Segurança e Autossuficiência: Fortalecer as cadeias produtivas e diminuir a dependência externa, especialmente em tecnologia.

Desenvolvimento de Alta Qualidade: Modernização econômica, focando em equilíbrio entre crescimento, inovação e justiça social.

Integração Global: Expansão da Iniciativa Cinturão e Rota, fortalecendo laços com o Sul Global e o BRICS, com foco em investimentos e comércio verde.

Bem-estar Social: Abordar o envelhecimento populacional com reformas na previdência, cuidados para idosos e serviços universais de creche, promovendo a “economia prateada”.

CONTEXTO E DESAFIOS

O Plano serve como ponte para as metas de 2035 de modernização básica e busca consolidar o modelo de “socialismo com características chinesas” em um novo patamar, respondendo às pressões externas e internas.

Em suma, o 15º Plano Quinquenal é uma estratégia abrangente para elevar a China a um novo patamar de desenvolvimento tecnológico, econômico e social, priorizando a inovação e a sustentabilidade para garantir sua posição de poder e autossuficiência no cenário global.

Com efeito, a China está reconfigurando radicalmente sua dependência de importações agrícolas. Para além de 2026, presume-se que o foco mudará da simples compra de grãos para o controle de insumos e rotas.



Importação e Exportação: A China mantém cotas rígidas de importação de trigo e milho para 2026 [3], enquanto investe pesadamente em infraestrutura logística na América Latina (Brasil e Argentina) para garantir o fluxo direto de soja e milho, contornando intermediários americanos.

Insumos Agrícolas: O domínio chinês na produção de fertilizantes e defensivos agrícolas é utilizado como alavanca diplomática, garantindo que parceiros da BRI priorizem o abastecimento do mercado chinês em troca de tecnologia e insumos.

SEGURANÇA ENERGÉTICA

A segurança energética pós-2026 é definida pela eletrificação total e pela redução do “Dilema de Malaca”.

Transição Verde como Defesa: A aceleração de parques eólicos e solares no interior da China visa criar uma rede energética imune a bloqueios navais.

Integração Eurasiática: O fortalecimento de gasodutos e oleodutos terrestres com a Rússia e Ásia Central garante um suprimento contínuo de hidrocarbonetos que não depende de rotas marítimas vulneráveis.

SEGURANÇA ECONÔMICO-FINANCEIRA (OURO, PRATA E YUAN)

A China está liderando um movimento global de desdolarização, utilizando metais preciosos como lastro de confiança, um golpe de mestre sobre o ocidente ao estilo de Sun Tzu, “*usar a estratégia do oponente contra ele*”.

Acúmulo de Ouro e Prata: Em 2025 e 2026, a China atingiu recordes de importação de ouro, sinalizando um esforço para diversificar suas reservas para além dos títulos do Tesouro dos EUA [4]. O controle sobre as exportações de prata, iniciado em 2026, reflete o uso de metais industriais e preciosos como ferramentas de pressão econômica.

Negociação em Moeda Nacional: A expansão do uso do Yuan (CNY) em transações de *commodities* (petróleo e grãos) com países do BRICS+ visa criar um sistema financeiro paralelo imune a sanções ocidentais.

TERRAS RARAS E O MONOPÓLIO DO FUTURO

O domínio sobre as Terras Raras (REE, *Rare Earth Elements*) permanece como a “arma nuclear” econômica da China.



Controle de Processamento: Para além de 2026, a China mantém o controle sobre 90% do refino global de REE. Novos controles de exportação implementados em 2025 visam restringir o acesso de rivais a tecnologias de defesa e IA [5].

Estratégia de Choke Point: A China utiliza sua posição dominante para forçar a deslocalização de indústrias de alta tecnologia para o seu território, garantindo que o futuro da inovação global ocorra sob sua supervisão.

CONCLUSÃO: A CHINA COMO UMA ILHA SISTÊMICA

Face ao exposto, temos que a convergência desses pilares aponta para uma China que, após 2026,

funcionará como uma “ilha sistêmica” – autossuficiente em alimentos e energia, protegida por reservas de ouro e operando em sua própria moeda. Esta fortaleza geoeconômica não visa apenas o isolamento, mas a capacidade de interagir com o mundo a partir de uma posição de força inatacável, onde a dependência mútua é substituída pela dependência unilateral do resto do mundo em relação aos recursos e sistemas chineses.



Resumo dos Quatro Pilares da Estratégia Chinesa

Pilar	Objetivo Principal	Estratégia Chave	Status 2026
Segurança Alimentar	Controle de insumos e rotas	Infraestrutura logística na América Latina	Em desenvolvimento
Segurança Energética	Eletrificação total e autarquia	Expansão de renováveis + gasodutos terrestres	Acelerado
Segurança Econômico-Financeira	Desdolarização e reservas	Acúmulo de metais preciosos e Yuan	Avançado
Domínio das Terras Raras	Monopólio do refino (90%)	Controles de exportação e deslocalização	Consolidado

Relatório de Inteligência Estratégica 2024 | Confidencial

O QUE PODEMOS APRENDER COM A CHINA?

Primeiro, a capacidade de planejamento político-estratégico de longo prazo, foco na área social e na distribuição da riqueza nacional, união dos poderes da república em torno de um objetivo comum, independência tecnológica e militar, extirpar a corrupção e o tráfico internacional de armas e drogas, possuir um projeto de nação e construir aliados regionais, não interessados!

O Brasil ganharia se colocasse seu poder diplomático em funcionamento com respaldo do poder militar – sem buscar uma conversa à altura com países nucleares, seremos eternos reféns, hoje do Ocidente, amanhã do Oriente.

Análise Comparativa: China vs. Brasil		
Aspecto	China	Brasil
Planejamento	Longo Prazo (Quinquenal)	Curto Prazo
Tecnologia	Avançada (IA/Chips)	Limitada
Defesa	Forte e Integrada	Precária
Corrupção	Controlada	Endêmica
Aeroespacial	Desenvolvida	Estagnada
Nuclear	Organizado	Desorganizado
Geopolítica	Líder Crescente	Limitada

Relatório de Inteligência Estratégica 2024 | Confidencial

É fundamental que o Brasil faça valer sua importância histórica e seu peso geopolítico. Contudo, desde a redemocratização, os governos não conseguiram expandir nossa influência internacional além dos limites permitidos por Estados Unidos e Europa. Isso se deve a uma sociedade fragilizada, à corrupção endêmica que compromete interesses estratégicos e à alta criminalidade, impulsionada pelo tráfico internacional de drogas e armas, que desvia nossa atenção para problemas internos.

A isso se soma um desenvolvimento de defesa precário, sem bancos exclusivos como os chineses, com um sistema aeroespacial estagnado e um desenvolvimento nuclear desorganizado. Nossa dependência de eletrônicos, comunicação via satélite, insumos, armas e sistemas de defesa estrangeiros é crítica. Diante desse cenário, somos incapazes de resistir a um ataque militar, a uma ocupação territorial, ou a violações de nossa soberania e infraestruturas essenciais.



Nesse aspecto, nossa abordagem se assemelharia à da Rússia em suas grandes guerras? Só conseguiremos reagir e triunfar após as derrotas iniciais? O preço a ser pago em vidas humanas e sacrifícios é sempre inaceitavelmente alto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] **BILOTTA**, Nicola. *The geoeconomics of money in the digital age*. London: Routledge, 2024.
- [2] **RAHMAN**, T. U. *Food security challenges and adaptation strategies in China*. Springer, 5 de abril de 2025. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s43994-025-00226-5>.
- [3] *China maintains grain import quotas in 2026 at 2025 levels*. Tridge, 14 de outubro de 2025. Disponível em: <https://www.tridge.com/news/china-maintains-grain-import-quotas-in-2026--dstmvl>.
- [4] **MORALIDAD**, Glory. *China gold shock: Beijing smashes records to build a new de-dollarised economy*. International Business Times, 22 de dezembro de 2025. Disponível em: <https://www.ibtimes.com/china-gold-shock-beijing-smashes-records-build-new-de-dollarised-economy-3793485>.
- [5] **KYNGE**, James. *China's new restrictions on rare earth exports send a stark warning to the West*. Chatham House, 2025. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/2025/10/chinas-new-restrictions-rare-earth-exports-send-stark-warning-west>.
- [6] **JABBOUR**, Elias. *China: Socialismo e desenvolvimento, sete décadas depois*. Anita Garibaldi, 2025.
- [7] **VISENTINI**, Paulo G. Fagundes. *A novíssima China e o Sistema Internacional*. Revista de Sociologia e

Política, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782011000400009>.

[8] *China: governo, economia, cultura, mapa*. BRASIL ESCOLA, 2025. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/china-1.htm>.

[9] **MORETZ-SOHN FERNANDES**, Thaís. *Conhecendo o sistema político chinês*. Apex-Brasil. 2014. Disponível em: <https://arq.apexbrasil.com.br/portal/ConhecendoOSistemaPoliticoChines.pdf>.

***Carlos A. Klomfahs** é advogado, especialista em Direito Internacional dos Conflitos Armados e operador de Inteligência. Egresso curso de geopolítica da ECEME e estratégia marítima da Escola de Guerra Naval. É mestrandor no Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa (PPGSID) da Escola Superior de Guerra.